



O corpo indomesticável da poesia

Fábio Andrade¹

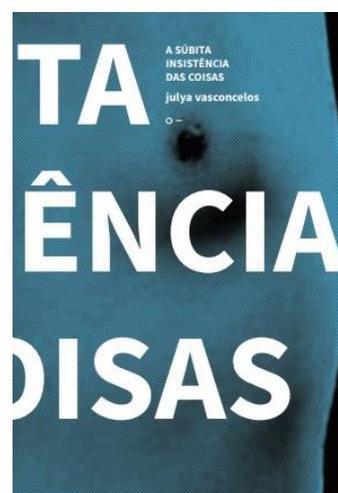
VASCONCELOS, Julya. **A Súbita Insistência das Coisas**. 1ª Ed. São Paulo: Urutau, 2019. 70 pág.

Movimento natural da crítica diante de uma nova obra é pensar o seu diálogo com o que veio antes. O que justifica esse movimento é o fato de que a obra não veio do nada, mas de um complexo de experiências, sentimentos e sensações; e leituras que são como parte fundamental das experiências de quem assume o posição de autor.

Existem dois aspectos importantes nesse diálogo: primeiro, ele se realiza não tanto pela via da influência direta, mas como leitura de certos sedimentos de leituras anteriores. Como um solo que vai se compondo de camadas, a cultura literária de uma época vai se compondo de leituras. O segundo aspecto diz respeito ao que escapa à crítica e, entretanto, mostra-se não menos importante; é aquilo que, carecendo de meios para ser verbalizado, faz naufragar até certo ponto a própria leitura crítica. Na iminência desse naufrágio, nas ruínas de seu caráter mediador entre a obra nova e a própria tradição – assim como também com seus contemporâneos – é que a crítica pode assumir algum valor atualmente. Misto de presença percussiva, a voz poética que a motiva; e ausência, motivada pelo núcleo irreduzível da experiência que se esquiva da crítica e da própria poesia.

A poesia de Julya Vasconcelos, em seu livro de estréia, sugere que o corpo parece ser uma caixa de ressonância para a poesia contemporânea. E nisso faz ecoar uma lição da poesia moderna: a afirmação do corpo como o lugar fundamental da experiência. Geralmente são pouco ressaltadas a força e a contundência com que o corpo foi tratado pela poética do modernismo brasileiro. Os exemplos não faltariam: na poesia de Oswald de Andrade, de Pagu, de Gilka Machado, de Drummond, de Murilo Mendes, de Cecília Meireles e Manuel Bandeira; mas também na prosa de Macunaíma, de Mário de Andrade; nos romances experimentais de Oswald de Andrade.

Esses ecos que chamamos também de leituras, permitem pensar não necessariamente a leitura direta desses autores citados. Mas o efeito deles sobre toda



¹ Poeta, crítico e professor de Literatura Brasileira e Portuguesa do curso de Letras da UFPE e do PPGL (Programa da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE).

uma cultura poética moderna e contemporânea, leituras indiretas, sedimento de gerações de poetas que leram e dialogaram com essa “tradição” moderna e que se transformaram em fonte de inspiração para os autores contemporâneos. Nunca esquecer isso: a leitura é uma das principais fontes de inspiração da poesia.

Julya Vasconcelos reafirma a poesia como espaço de encontro das palavras, sensações e sentimentos muito diversos; e nisso se prolonga a analogia com o corpo – também ele o lugar de convergência de experiências muito díspares. Corpo é potência, como a poesia. Potência que pode ser lida como transgressão e terrorismo contra certas convenções políticas, sociais ou poéticas, como se pode verificar no poema *Abrir como um petardo*:

Conheço de perto
o ciclope
me afogo
em meu brutalíssimo excesso de água
em meus rancores da súbita
insistência das coisas
e na inquietante sombra delas
por sobre meu corpo
desde onde o enxergo
colado em meu queixo

Algumas espinhas
penetram na carne da garganta
por uma vida
Eis aqui o poema
Eis aqui a desistência
do poema.
Qual a dimensão?
da deserção?
Qual a espessura
do poema?
(p.10)

A relação entre poesia e corpo se dá duplamente, não só no âmbito do erotismo, como também transpondo os limites entre o trabalho artístico propriamente dito e o esforço, a manifestação física mobilizada pela experiência poética. O que produz, por sua vez, uma metalinguagem que se mostra como cicatriz de uma consciência de ofício muito aguda.

No vandalismo poético, convenções sociais e poéticas são implodidas, tensionadas pela imagem do grito que arremata o poema *petardo* e confronta a contenção do corpo e da deriva de viver: “Eu que agora sei o que gritar / jogo um petardo / contra os muros / de contenção” (p.11).

Poesia que encontra no corpo uma dimensão política, que pode ser verificada nas imagens que ampliam seus significados, algumas relacionados com força, dureza e crueldade. Essas imagens, por sua vez, reforçam a impressão da própria fala poética como corpo indomesticável, ou estranho. Fala capaz de perfurar as barreiras dos “muros de contenção” de nossa contemporaneidade, cada vez mais loteada por

antigos fantasmas. Unidade mínima, o corpo na poesia – como o corpo poético – é tessitura de sentidos, duplamente. Sensorial, a poesia de Julya Vasconcelos se interessa pelo contato, atrito e fricção com as coisas: “Roço com insistência / na superfície de tudo / o que é bonito” (*Respiração artificial*, p.37). As qualidades corporais se multiplicam e abarcam tudo que pode ser observado, percebido e transformado em linguagem, desde o universo contemplado até a alegoria política de um corpo morto de pardal empunhado como uma arma contra cartazes pedindo a tortura dos pardais.

A fisicalidade do corpo encontra, dentre as suas várias formas de expressão, a relação com o som. Há, nessa poesia, a atenção a uma gama variada de sons: música, nomes, ruídos. Em alguns momentos, o físico e o sonoro se encontram em imagens como a do poema *Anã de Canis Major*: “Entendo / absolutamente nada / da matéria escura / que sustenta os planetas / São mãos de grandes dedos / que se afunilam / e palmas abertas / como uma espécie de pianista / que toca / é só assim que entendo” (p.35). Nesse fragmento fica claro como a corporificação da matéria escura permite exprimir o que está além do entendimento. Aquilo que a razão não explica ou entende, mas que o corpo sente e exprime.

Poesia que é como a composição de várias camadas sonoras, mas também uma casa atravessada por vozes e ruídos, por palavras que são como índices de experiências subjetivas e que são, ao mesmo tempo, realidades físicas. E que, como o corpo, movem-se livremente no espaço da linguagem poética, incendiando a realidade, insistindo na radical urgência com que nos relacionamos com o mundo através dos sentidos.